

**MAÍSA MARTINS DE SIQUEIRA**

**PLANO DE PESQUISA  
CURSO: LÍNGUA PORTUGUESA, COMPREENSÃO E  
PRODUÇÃO DE TEXTOS  
TURMA: FEVEREIRO/2008**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS  
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA  
JABOTICABAL – SP  
2008**

**MAÍSA MARTINS DE SIQUEIRA**

**O REGIONALISMO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA EM  
“A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em LÍNGUA PORTUGUESA, COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS.

Orientadora Prof.(a). Roseli Batista de Camargo

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS  
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA  
JABOTICABAL – SP  
2008**

## **Dedicatória**

à memória de Hildebrando Martins de  
Siqueira, pai, amigo e exemplo.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, pelo sentido da vida.

Ao meu querido esposo, Luiz Fernando, pelo precioso tempo que lhe roubei.

À minha mãe, pelo estímulo à leitura.

Aos amigos e colegas de curso de pós graduação, Luiz Fernando, Fausto, Andrea e Fernando pelo incentivo e agradável convivência.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Roseli Batista de Camargo, por sua dedicação e orientação.

Aos professores tutores, pela ajuda, disponibilidade nos momentos de orientação e esclarecimentos de dúvidas.

“(...) Cantar, só, não fazia mal, não era pecado. As estradas cantavam. E ele achava muitas coisas bonitas, e tudo era mesmo bonito, como são todas as coisas nos caminhos do sertão (...)” (João Guimarães Rosa, “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, *in* Sagarana, Contos Brasileiros, p. 116)

## RESUMO

O presente estudo propõe-se analisar o regionalismo na obra de Guimarães Rosa, em particular, em “A hora e vez de Augusto Matraga”, considerado o mais proeminente conto de *Sagarana*. Procuramos abordar as variações lingüísticas, a biografia do escritor mineiro e, por fim, o regionalismo no conto em questão. Destacam-se em sua obra, a prosa poética, presente em todo texto e a recriação da linguagem através de diferentes processos como sufixação; neologismos e inversão da classe gramatical – substantivização.

## SUMÁRIO

|                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                   | 8  |
| 1 VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS.....                                                     | 9  |
| 1.1 Língua, linguagem e fala.....                                                 | 9  |
| 1.2 Variações lingüísticas.....                                                   | 9  |
| 1.3 A novidade da linguagem.....                                                  | 11 |
| 2 JOÃO GUIMARÃES ROSA.....                                                        | 13 |
| 2.1 Traços biográficos.....                                                       | 13 |
| 2.2 Bibliografia.....                                                             | 16 |
| 2.2.1 Bibliografia póstuma.....                                                   | 17 |
| 2.3 Aspectos gerais sobre suas obras.....                                         | 17 |
| 3 REGIONALISMO.....                                                               | 18 |
| 3.1 <i>Sagarana</i> e o regionalismo universalizante.....                         | 18 |
| 3.2 <i>Sagarana</i> (A Hora e Vez de Augusto Matraga) e invenção lingüística..... | 19 |
| 3.3 "A Hora e Vez de Augusto Matraga": a presença do sertão.....                  | 23 |
| Considerações Finais .....                                                        | 25 |
| Referências.....                                                                  | 26 |
| Anexos.....                                                                       | 28 |

## INTRODUÇÃO

Perseguindo a tradição regionalista, já largamente explorada em nossa literatura por autores de várias gerações e épocas, Guimarães Rosa renova essa tradição.

O intenso, rico e criativo trabalho da linguagem utilizada pelo escritor, com a criação de novas palavras (neologismo), a intervenção na sintaxe, modos de falar dos personagens criados ou modificados e regionalismos diversos.

"A hora e vez de Augusto Matraga" é a última novela de *Sagarana*, obra de estréia de João Guimarães Rosa. O volume é composto por nove novelas ligadas entre si pelo espaço em que transcorrem as ações, focalizando o regional mineiro e captando os aspectos físicos, sociais e psicológicos do homem e do meio interiorano. O conto em questão retrata a luta entre o bem e o mal, e questiona a tomada de consciência do homem optando por uma dessas forças.

Para a realização deste trabalho utilizamos pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo, em particular, o Museu da Língua Portuguesa, críticas literárias, sem esquecer-se da nova ferramenta disponibilizada pela modernidade: a Internet.

A explanação deste estudo obedece à disposição que passamos a indicar. No primeiro capítulo, descrevemos a respeito das variações lingüísticas. Em seguida, traçamos a biografia de João Guimarães Rosa, incluindo aspectos gerais de sua obra. No terceiro, o trabalho volta-se para o regionalismo rosiano, destacamos aqui, a invenção lingüística e a presença do sertão.



## **VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS**

### **1.1 Linguagem, língua e fala**

A linguagem caracteriza-se pela capacidade humana de se expressar, por meio de gestos, palavras, expressões fisionômicas, etc.

A língua é o principal código pelo qual os membros de uma sociedade se comunicam entre si, vale dizer, é o veículo de que se vale o homem para se comunicar. Como é um código de signos convencionais, exige a aprendizagem individual de cada membro. Aprender uma língua é entrar numa convenção. Sendo uma criação social, a língua é um produto histórico. Ela evolui, transforma-se no decorrer do processo de desenvolvimento da comunidade que a usa. Podemos dizer que a língua traduz a parte social da linguagem, ou seja, ela pertence a uma comunidade, a um determinado grupo social e está calcada em uma gramática.

A fala é individual, diz respeito ao uso que cada falante faz da língua. Nem a fala nem a língua são imutáveis. Uma língua evolui, transformando-se foneticamente, adquirindo novas palavras, rejeitando outras. A fala do indivíduo modifica-se de acordo com sua história pessoal, suas intenções, o meio em que vive e sua maior ou menor aquisição de conhecimentos. Podemos dizer então, que a linguagem é universal; a língua, social e a fala, individual.

### **1.2 Variações lingüísticas**

Existem, basicamente, duas modalidades de língua, ou seja, duas línguas funcionais:

a) a língua funcional de modalidade culta, língua culta ou língua padrão, que compreende a língua literária, tem por base a norma culta, forma lingüística utilizada pelo segmento mais culto e influente de uma sociedade. Com efeito, o nível culto é utilizado em ocasiões formais pelas pessoas que conhecem bem o código lingüístico, pois é uma linguagem mais obediente às normas gramaticais. É o veículo mais utilizado pelos meios de comunicação de massa (emissoras de rádio e televisão, revistas, jornais, etc);

b) a língua funcional de modalidade popular, língua popular, coloquial ou cotidiana apresenta as mais diversas gradações. É utilizada na conversação diária, em situações informais, descontraídas. É o nível acessível a qualquer falante e aparece nas gírias, na linguagem vulgar, nos dialetos e nos regionalismos.

Essas variações são explicadas por vários fatores:

a) diversidade de situações em que se encontra o falante: uma solenidade ou uma festa entre amigos;

b) grau de instrução do falante e também do ouvinte;

c) grupo a que pertence o falante. Este é um fator determinante na formação da gíria;

d) localização geográfica: há muitas diferenças entre o falar de um nordestino, de um gaúcho e de um mineiro, por exemplo. Essas diferenças constituem os regionalismos e dialetos.

São as variantes de uma mesma língua que identificam o falante com sua origem tradicional. Podemos distinguir entre elas:

a) Dialetos: variantes da língua comum utilizadas num espaço geográfico delimitado. O dialeto é o resultado da transformação regional de uma língua nacional (o idioma). O açoriano e o madeirense, por exemplo, são dialetos do Português. Algumas línguas tem uma origem histórica comum. Mas, por razões políticas ou econômicas, uma delas ganhou *status* de língua, enquanto outras permaneceram como dialetos. As línguas românicas eram dialetos do latim.

b) Falares: modalidades regionais de uma língua cujas variações não são suficientes para caracterizar um dialeto. Às vezes são apenas algumas palavras ou expressões ou mesmo certos tipos de construção de frases. A esse uso regional da língua também se dá o nome de regionalismo.

Em suma, o dialeto é a variedade regional de uma língua. Quando as diferenças regionais não são suficientes para constituir um dialeto, usam-se os termos regionalismos ou falares para designá-las.

### **1.3 A novidade da linguagem**

A tradição regionalista na literatura brasileira é antiga. Inicia-se com os românticos José de Alencar e Visconde de Taunay, passa pelos autores naturalistas e pré-modernistas, como Domingos Olímpio e Euclides da Cunha, e pelos modernistas de 30, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

Para todos esses momentos da prosa regionalista, sempre se colocou aos autores um problema de difícil solução: a linguagem a ser empregada. O autor deveria empregar a língua culta, que lhe era própria, ou a língua regional ou as duas? A solução para esse problema quase sempre foi a da mescla: o narrador empregava uma língua culta, com alguns termos regionais, e as personagens utilizavam a linguagem típica da região. O emprego da língua regional, nesse caso, quase sempre ficava no nível do vocabulário.

O registro da fala popular na literatura tem sido largamente empregado como forma de atribuir expressividade e veracidade ao texto. No Brasil Pós-Guerra, por exemplo, quando os escritores, propunham uma literatura engajada e realista, o aproveitamento do nível coloquial, pela transcrição dos falares regionais, foi elemento fundamental para o sucesso da literatura brasileira. Destaco como escritor representante do regionalismo universalizante, João Guimarães Rosa, em virtude da capacidade de refletir sobre o universo a partir do pitoresco regional –, quase todo seu trabalho nasceu da observação de tipos, costumes e geografia do interior mineiro. Com efeito, a grande novidade lingüística introduzida pelo regionalismo de Guimarães Rosa foi a de recriar, na literatura, a fala do sertanejo, não apenas no nível do vocabulário,

mas também no da sintaxe (a construção das frases) e no da melodia da frase. Explorando as técnicas do foco narrativo em primeira pessoa, do discurso direto e do indireto livre, a língua falada do sertão está presente em toda obra, resultado de inúmeros anos de observação, anotações e pesquisas lingüísticas. Observe neste fragmento do conto: “A terceira margem do rio”, de “Primeiras estórias” (1968, p. 31), o conhecimento minucioso do autor sobre a língua regional:

“(...) Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxe, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: -- *‘Cê vai, ocê fique, você nunca volte’*. Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez em jeito. \o rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: --*‘Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?’* Ele só retornou a olhar em mim, e me botou a benção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa”.

## **JOÃO GUIMARÃES ROSA**

### **2.1 Traços biográficos**

Era um garoto míope, no interior das Minas Gerais, lá no começo do século 20. Tentando decifrar a paisagem ao seu redor, imaginava que os seres, assim como as plantas, morros, pedras e bois fossem bem maiores do que os seus olhos podiam alcançar. Mestre maior, carregando dentro de si aquela vastidão do mundo cheio de mistérios e veredas do sertão, mediu os horizontes das gentes, atravessando fronteiras transcendentais.

Nascido aos vinte e sete de junho de 1908, em Cordisburgo, cidade mineira cercada de montanhas e fazendas de gado. Filho de um comerciante da zona pastoril, muito conhecido como contador de estórias (termo que ele criou), ali aprendeu as primeiras letras, tendo mudado mais tarde para Belo Horizonte, na busca de educação formal. Joãozinho, como também era chamado, desde cedo se mostrou autodidata. Começou a estudar francês, por conta própria, antes mesmo de completar 7 anos de idade. Esse gosto pelas línguas seria marca profunda em sua vida e obra.

Em 1918, aos dez anos, dirigiu-se inicialmente a São João Del Rei e seu Colégio Santo Antônio e depois a Belo Horizonte. Nessa cidade, pela mão de seu avô e padrinho Luís Guimarães, matriculou-se no Colégio Arnaldo, dos padres alemães, o mais prestigioso da capital, também freqüentado em diferentes fases por Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Gustavo Capanema.

Em 1925, com apenas dezesseis anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, cuja conclusão deu-se em 1930, ano em que se casou com Lígia Cabral Pena, com quem teve duas filhas, Vilma e Agnes.

Dois anos antes de se formar, em 1928, obtivera sua primeira colocação, na Secretaria Estadual da Agricultura. De uma maneira ou de outra, tramitou como funcionário público em vários pequenos empregos.

Depois de formado, em 1931, passou a exercer a profissão na cidade de Itaguara, cidadezinha do interior de Minas Gerais. Ali, nasce-lhe nesse ano, a primeira filha, Vilma. Permaneceu ali por cerca de dois anos. Buscando no mapa um lugar onde não houvesse médico, foi o pioneiro. Viajava semanas em seu cavalo, sempre acompanhado de seu caderninho, onde anotava as peculiaridades de cada lugar. Há registros de que o Dr. Rosa era um profissional dedicado e respeitado por todos, além de famoso pela precisão dos seus diagnósticos. Percorrendo longas distâncias pelo sertão, as consultas eram pagas, muitas vezes, com bolo, pudim, galinha e ovos. Segundo depoimentos da família, havia duas coisas que o impressionavam na profissão: o parto e a incapacidade de salvar as vítimas da lepra. Passava horas estudando e buscando uma forma de acabar com o sofrimento humano. Porém, logo constatou que seria uma missão difícil, ou impossível. A falta de recursos médicos e a sua emotividade compulsiva impediram que prosseguisse na carreira. Sua extrema sensibilidade, aliada ao sentimento de impotência que tinha diante das doenças incuráveis (vale lembrar que os recursos de que dispunha qualquer médico do interior na época eram muito escassos), acabariam por afastá-lo da medicina.

No ano seguinte, 1932, é nomeado inspetor de Educação e Saúde, em Itaguara. E, por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, com grupos mineiros e gaúchos, rebelou-se contra o governo federal, apresentou-se como voluntário à Força Pública de seu Estado, tendo servido no túnel da serra da Mantiqueira, onde houve uma das mais importantes batalhas da conflagração.

Em 1933, presta concurso para a Força pública, tornando-se oficial-médico em outra cidade mineira, Barbacena, sendo promovido a capitão no ano seguinte. Em 1934, nasce Agnes, segunda filha do casal. No período de 1933 a 1935 trabalha no Serviço de Proteção ao Índio. Na corporação Militar reencontrou outro oficial-médico,

Juscelino Kubitschek de Oliveira, futuro Presidente da República, que conhecera quando ambos estagiavam na Santa Casa de Belo Horizonte e ao qual, muitos anos mais tarde, em 1958, deveria sua promoção a embaixador.

Mais tarde, em 1935, partiu para o Rio de Janeiro, prestou concurso para a carreira de diplomata. Obteve o segundo lugar. Foi nomeado cônsul de terceira classe. A carreira diplomática, como de praxe, implicaria em deslocamentos sucessivos. Seguiu para a Europa após ter sido nomeado Cônsul Adjunto em Hamburgo, na Alemanha. Foi lá que conheceu Aracy Moebius de Carvalho, sua segunda esposa. Burlando as leis do Estado Novo, Aracy foi responsável pela salvação de centenas de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, conseguindo visto para os refugiados, que assim puderam entrar no Brasil. Ainda em 1937, participou do Concurso Humberto de Campos – o mais prestigioso do país – com um volume chamado Contos; porém, ficou em segundo lugar. Entre os componentes do júri, foi reprovado por Graciliano Ramos, que jamais se perdoou pelo erro e carregou o sentimento de culpa durante anos pela decisão infeliz.

A Segunda guerra, provocando o rompimento de relações com a Alemanha, leva-o a ser internado por quatro meses em 1942, em Baden-Baden. Nesse ano é nomeado segundo-secretário da embaixada em Bogotá, de onde volta em 1944, para trabalhar na Secretaria de Estado, no Rio.

Em 1946 é nomeado chefe de gabinete do Ministro João Neves da Fontoura, com o qual desenvolveu calorosa amizade. Viaja para Paris, nesse ano, para a Conferência de Paz ao término da guerra, como secretário de nossa delegação. Em 1948, a mesmo título, vai à Conferência Pan-Americana, em Bogotá. Antes do fim do ano é nomeado secretário da embaixada em Paris, e promovido a conselheiro no ano seguinte, obtendo o cargo de Ministro de Segunda Classe em 1951, quando reassume seu antigo posto junto a João Neves da Fontoura, no Rio de Janeiro.

Dois anos depois passa à chefia da divisão de orçamento e, em 1958, a Ministro de primeira Classe, ou embaixador. De 1962 em diante, passou a chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras.

De outra parte, em 1946, após um período de quase dez anos sem aparecer no mercado editorial, “Contos” foi lançado sob o nome de “Sagarana”, marcando sua estréia e o colocando de cara como um grande escritor da literatura brasileira

contemporânea. Baseado na oralidade do sertão, Rosa levou a função da literatura como documento, reproduzindo a linguagem característica de jagunços e sertanejos.

Em janeiro de 1956, dez anos mais tarde, reaparece com as novelas *Corpo de Baile*, continuação de *Sagarana*. No mesmo ano, publicou a sua obra-prima, o romance *Grande sertão: Veredas*. A obra, considerada um dos grandes patrimônios da nossa cultura, foi traduzida para diversas línguas, e Rosa, uma personalidade única no panorama da literatura moderna mundial. Em 1963, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, vencendo por unanimidade e sucedeu a mesma cadeira de João Neves da Fontoura. Sempre temeu a emoção que sentiria caso fosse eleito. Por isso, assumiu a cadeira somente em 1967. Apenas três dias depois, o coração do mestre cumpriu a saga. Não morreu. Encantou. Guimarães Rosa trouxe o maravilhoso e o fantástico para fazer parte da vida cotidiana, transcendendo em palavras as fronteiras do homem e seu espaço no mundo. Unindo o regional e o universal, fez a nossa língua alcançar o seu mais alto patamar. Toda a sua obra começa e termina no sertão. É esse o seu universo, o seu ponto de partida e de chegada. Afinal, o sertão está mesmo dentro da gente e em toda parte.

## 2.2 Bibliografia

1946 - *Sagarana* (9 contos longos, com feição de novela).

1956 - *Corpo de baile*, 2 volumes (sete textos longos que podem, indiscriminadamente, ser tomados como romances, novelas, contos, simplesmente narrativas líricas ou poemas em prosa). A partir da 3ª edição (1964/1965) *corpo de Baile* tripartiu-se em volumes autônomos:

- Manuelzão e Miguilim: “Uma estória de amor”, “Campo Geral”
- No Urubuquaquá, no Pinhém: “Lélío e Lina”, “O Recado do Morro”, “Cara-de-Bronze”
- Noites do Sertão: “Lão Dalalão (Dão-Lalalão)”, “Buriti”

1956 – *Grande sertão: Veredas*, romance cujo subtítulo é “O diabo na rua, no meio do redemoinho”.

1962 – *Primeiras estórias*, (21 contos curtos).

1967 – *Tutaméia- Terceiras estórias*, (40 contos curtíssimos e 4 prefácios teóricos).



### 2.2.1 Bibliografia Póstuma

1969 – Estas estórias (9 narrativas longas).

1970 – Ave, palavra (contos, crônicas, poesia em prosa e em verso)

### 2.3 Aspectos gerais sobre suas obras

Guimarães Rosa é considerado o maior escritor da literatura brasileira do século XX. Situa-se na terceira fase do Modernismo brasileiro, chamada Neomodernismo ou geração de 45. Ao lado de Clarice Lispector (*Perto do Coração Selvagem*, 1944), rompeu com os esquemas narrativos dos anos 30 e instalou um novo processo ficcional, baseado na estilização inventiva de dados regionais e na constante pesquisa do instrumento que lhe serve de base, a linguagem.

Escreveu contos, novelas e um romance. Costuma ser tratado como regionalista, pois quase todo o seu trabalho nasce da observação de tipos, costumes e geografia do interior mineiro. Mas ao imenso material observado, ele sobrepõe uma forte camada de matéria pensante e problematizadora, que se deve não só à sua imaginação, como também, à sua compreensão, da cultura e dos problemas dos homens de todos os tempos e lugares. Suas narrativas, carregadas de mistério e revelação, possuem uma estrutura mítica ou alegórica, isto é, apresentam sempre uma interpretação pessoal e poética da existência e de seus grandes problemas. Investigam sobre Deus, o bem o mal, o medo, a felicidade, as relações dos homens com a natureza. Encontramos em sua obra, uma constante indagação sobre a morte e os momentos gloriosos da vida terrena.

Nessa perspectiva, as estórias de Guimarães Rosa expressam uma visão metafísica da existência, porque todas, de alguma forma, comportam a crença num bem verdadeiro e superior.

## REGIONALISMO

### 3.1 *Sagarana* e o regionalismo universalizante

Em virtude de sua capacidade de refletir sobre o universo a partir do pitoresco regional, Guimarães Rosa pode ser estudado como representante do regionalismo universalizante.

*Sagarana* é o livro de estréia de Guimarães Rosa. Publicado em 1946, foi aclamado pela crítica, que não vacilou em louvar suas qualidades de estilo e de lidar com o imaginário regional.

O volume é composto de nove estórias<sup>1</sup> no limite entre o conto e a novela que se ligam entre si pelo espaço em que transcorrem as ações; todas têm como cenário o interior de Minas Gerais, mas sem determinar com exatidão o espaço retratado, já transmutado pela ótica do escritor. O regional mineiro é captado por meio da vivência de personagens, elaboradas a partir da observação minuciosa, tanto da psicologia do homem rural, na figura dos vaqueiros, dos valentões, quanto na dos coronéis, dos proprietários de grandes fazendas. Guimarães Rosa é hábil na captação do meio físico, a paisagem é enriquecida com descrições perfeitas e/ou recriadas dos animais e da vegetação da região. Acrescentam-se as questões do homem com o meio em que vive e suas relações sociais. Exploram-se casos como ciúmes, valentia, ambições, amores, vinganças e redenções: formas de ser e ver o outro.

Das novelas de *Sagarana*, duas são relacionadas com animais: *O Burrinho Pedrês* e *Conversa de Bois*, mas não apresentam o sentido de fábula porque os bichos

---

<sup>1</sup> Estórias – Guimarães Rosa opta pelo latinismo certamente para distinguir, como em inglês, História (ciência) de história (ficção).

não são humanizados. Já em “A hora e vez de Augusto Matraga”, a presença do animal é restrita: destaca-se o jegue que leva Matraga ao seu destino, ao encontro de Joãozinho Bem-Bem e do seu bando. As demais novelas apresentam a fixação de costumes e aspectos marcantes da vida regional: a miséria física e psicológica dos doentes de maleita, em um diálogo arrastado e entremeado por surtos de febre *Sarapalha*; a crônica dos valentões que burla a lei e tornam-se intocáveis, mas que podem ter a sorte revertida se houver a interferência das forças sobrenaturais *Corpo Fechado*; o caso de feitiçaria que cega momentaneamente o protagonista e lhe serve de aprendizado *São Marcos*; as malandragens de um ladino cabo eleitoral que vende a esposa e depois a recupera de graça *Traços Biográficos de Lalino Salãthiel*; casos de amor e de articulação política *Minha Gente* e duas estórias, como dizia Rosa, que envolvem perseguições *O Duelo* e *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, essa última, considerada a mais perfeita realização do volume, motivo pelo qual, vamos nos aprofundar um pouco mais neste conto.

### **3.2 Sagarana (*A Hora e Vez de Augusto Matraga*) e invenção lingüística**

A importância de Guimarães Rosa em nossa literatura advém principalmente de sua invenção lingüística. Nota-se sua capacidade de observar e registrar com detalhes a fauna e a flora das paragens mineiras e acrescenta a isso uma visão de homem versado em várias línguas, estudioso de ciências, filosofia, psicologia e também curioso de artes “ocultas”.

Desde o início, notou-se em sua ficção uma radical contestação da linguagem convencional e o propósito de revolucionar a expressão literária no Brasil. Sua invenção e revolução abrangem o nível semântico (significado), o sintático (combinação) e o fonológico (som). Quer dizer, cria palavras, descobre associações imprevistas entre elas e reproduz ruídos da natureza ainda não registrados antes dele. Tudo isso se deve ao fato de que a matéria de sua ficção é falada pelos jagunços ou vaqueiros do sertão mineiro. Rosa escreve. Mas quem fala são eles, os narradores. De fato, seus textos são carregados de modismos e singularidades de um falar que soa ao homem urbano como poesia em prosa ou prosa poética. De outra parte, a dificuldade de adaptação com

semelhante universo moral e lingüístico. Observemos o seguinte trecho de “A Hora e Vez de Augusto Matraga” (GUIMARÃES ROSA apud SALES, BARBIERI E KAMPELL, 1983, p. 110):

[...] - Eu agaranto que, na hora da zoeira, tu no pinguelo não gagueja!  
 - Que nada! – apoiou seu Joãozinho Bem-Bem. – Isto é cabra macho e remacheado, que dá pulo em cruz...[...]”

Eis um excelente exemplo da oralidade de *Sagarana*. Mas a captação do falar regional nesse livro, funde-se ainda com muitos sinais de cultura urbana, própria do autor. Falas como essas do trecho citado, só se encontram nesse livro, em diálogos ou em narrativas produzidas pelas personagens. Assim, percebe-se uma nítida diferença entre o estilo do narrador das histórias de *Sagarana* e o modo de falar de suas personagens.

Podemos afirmar que, para Guimarães Rosa, a prosa é uma questão de poesia, ou seja, ele toma a prosa pela prosa, no sentido de trabalhá-la com a perfeição própria de um poeta.

A linguagem poética do escritor incorpora recursos de toda a espécie, sendo que um de seus aspectos mais salientes é a invenção de palavras, isto é, o apelo ao neologismo. A propósito, o título *Sagarana*, provém de saga e rana. Saga, segundo o Houaiss, é: “nome dado pelos romanos às bruxas e feiticeiras; qualquer das antigas narrativas e lendas escandinavas, redigidas principalmente, nos séculos XIII e XIV; canção popular que tem como tema alguma dessas lendas; por extensão: canção lendária ou heróica; por extensão: narrativa fecunda em incidentes” e -rana : “...do tupi rana, semelhante, parecido a, da feição de”.

O estilo de Guimarães Rosa foi estudado por críticos que costumam apontar sua revolução em alguns tópicos como:

- criação de vocabular: neologismos por processos de composição e de derivação. Vale citar os seguintes exemplos, extraídos do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”: *talqualzinho*, *aboletados*, *jagunçada*, *agaranto*, *bobajada*, *nomopadrofilhospritossanamém!* Tais procedimentos, além de modificar a

formação da palavra, também dão à construção frasal uma nova combinação ou classificação.

- utilização abundante de figuras de linguagem. A título exemplificativo: “...os minúsculos tuins de cabecinhas amarelas...aos pares sem sustar o alarido – rrrl-rrril-rrrl-rrril!...”
- são freqüentes rimas, ritmo, ou seja, recursos tipicamente poéticos. Daí a aproximação de sua obra com a poesia (prosa poética). Exemplo: “...Como corisca, como ronca a trovada, no meu sertão, na minha terra abençoada...”
- linguagem truncada e pontuação excessiva. Exemplo: “-- Que-o-quê! Essa mania de rezar é que está lhe perdendo...O senhor não é padre nem frade, pr’a isso; é algum?...Cantoria de igreja, dando em cabeça fraca, desgoverna qualquer valente...Bobajada!...”

Os contos de *Sagarana* oferecem basicamente duas grandes dificuldades de leitura: primeiramente, o espaço geográfico explorado, que são as fazendas de gado de Minas Gerais; depois, a linguagem adotada pelo autor, que imita, estilizadamente, o falar dos habitantes daquelas longínquas paragens.

Para as pessoas da cidade, é difícil, num primeiro contato, admitir que um autor possa dar tamanha importância aos pormenores da paisagem, como a nomeação das plantas e a descrição dos animais. Mas isso acontece nos contos de *Sagarana*. A paisagem assume aí uma importância decisiva, porque o autor vê o mundo dos homens como uma espécie de extensão do universo natural. A observação da natureza provoca um desejo de nomeação e até de invenção lingüística. Para um exercício de percepção da força descritiva de Guimarães Rosa, observemos um trecho do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, (GUIMARÃES ROSA apud SALES, BARBIERI E KAMPELL, 1983, p. 116):

E também fez, um dia, o jerico avançar atrás de um urubu reumático, que claudicava estrada afora, um pedaço, antes de querer voar. E bebia, aparada nas mãos, a água das frias cascatas véus-de-noivas dos morros, que caem co tom de abundância e abandono. Pela primeira vez na sua vida, se extasiou com as pinturas do poente, com os três coqueiros subindo na linha da montanha para se recortarem num fundo alaranjado, onde, na descida do Sol, muitas nuvens pegam fogo. E viu

voar, do mulungu; vermelho, um tié-piranga, ainda mais vermelho -- e o tié-piranga pousou num ramo de barbatimão sem flores, e Nhô Augusto sentiu que o barbatimão todo se alegrava, porque tinha agora um ramo que era de mulungu.

Há uma infinidade de passagens como esta em *Sagarana*, cuja função é impressionar cinematograficamente o leitor, fornecendo-lhe tantos pormenores quantos forem necessários para causar a tridimensionalidade do mundo.

Merecem destaque, também, as personagens de *Sagarana*. Com efeito, gozam de um estatuto especial, pois fazem parte de um mundo que fica entre o real e o fabuloso. Destacamos no conto em questão: Nhô Augusto, Quim Recadeiro e Joãozinho Bem-Bem. No geral, seus personagens possuem um significado transcendente ou alegórico, os quais formam, no conjunto, uma concepção de mundo a que poderíamos chamar, grosseiramente, de existencialismo panteísta. Isto porque, Guimarães Rosa reflete sobre os problemas da existência enquanto luta pela harmonia do todo. Etimologicamente, panteísmo quer dizer Deus em tudo, mas Rosa, embora seja otimista, acredita em forças perturbadoras da ordem divina.

Nesse sentido é que se pode entender o personagem Augusto Matraga, em “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, ora possuído pelas forças do mal, ora possuído pelas forças do bem. Mas chega um momento em que não sabemos de que lado atua, pois passa a procurar o bem pela prática do mal.

A sua morte é um momento em que o bem e o mal se misturam de modo inextricável, realizando as duas orientações, aparentemente inconciliáveis, da vida da personagem: santidade e violência.

Vale aqui registrar o refrão do próprio Augusto Matraga:”-- Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!...E a minha vez há de chegar...P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...” (ROSA, 1967, p. 337)

Vejamos.

Primeiro: forças do mal

Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves,, das Pindaíbas e do Saco-de Embira – chamado Nhô Augusto – homem desregrado, bandoleiro das maiores perversidades. Fazia questão de mostrar-se valentão. Maltrata a todos e faz sofrer a mulher Dionóra e ignora a filha Mimita. Anda em descrédito político e declínio

econômico. Dona Dionóra foge com Ovídio Moura, levando a filhinha. Ao preparar a perseguição, Nhô Augusto sabe, através de Quim Recadeiro, que todos os seus capangas passaram para o comando do Major Consilva. Matraga resolve ir ter com eles antes de matar Dionóra e Ovídio. Mas é espancado e marcado com ferro de gado. No exato momento do homicídio, recobra as forças e atira-se no despenhadeiro do rancho do barranco. Tomam-no por morto.

Segundo: a busca do bem

No outro lado do mundo, quer dizer, lá no fundo do despenhadeiro, é socorrido por um casal de negros velhos: a mãe Quitéria e o pai Serapião. Sarado, porém com seqüelas deformantes, leva os protetores para o povoado do Tombador. Muda de vida e alma: trabalha o dia todo, reza com grande devoção, ajuda a quantos pode, na espera de obter o céu. Mais de seis anos se passaram, quando surge o Tio da Thereza, que o informa da sorte da ex-família: a esposa vive feliz com Ovídio e preparam o casamento, a filha foi enganada por um cometa e caiu na perdição. Quim Recadeiro, capanga tido como covarde, morreu na defesa da honra do ex-patrão. Matraga resigna-se e sofre saudades. Por essa época, aparece Joãozinho Bem-Bem, jagunço de larga fama. Matraga admira-lhe as armas e o bando (Flosino Capeta, Tim-Tatu-tá-te-vendo, Zeferino, Juruminho e Epifânio), mas se recusa a acompanhá-los ou deles se valer.

Terceiro: A Hora e Vez

Recuperado fisicamente, Augusto Matraga resolve sair de seu reduto e caminhar sem destino num jumento. Chegando a um lugarejo denominado arraial do Rala-Côco, encontra Joãozinho Bem-Bem e seu bando prestes a dizimar uma família, em cumprimento de vingança. Matraga intervém em nome da justiça. Liquidando diversos capangas e morre em duelo singular com o famoso jagunço Joãozinho Bem-Bem.

### **3.3 A Hora e Vez de Augusto Matraga: a presença do sertão**

No conto em questão, quando Matraga, depois de meio morto pelas pancadas, conseguiu andar novamente, resolve “[...] ir pra longe, para o sitiozinho perdido no sertão mais longínquo – uma data de dez alqueires, que ele não conhecia nem pensara jamais que teria de ver [...]” (ROSA, 1967, p. 337).

Percebe-se que o protagonista escolhe tal lugar para renascer, elevar-se espiritualmente, começando uma nova vida. A descrição-narração do caminho do sertão é interessante, por criar o espaço despovoado, consoante trecho a seguir destacado (ROSA, 1967, p. 337):

Foram norte afora, na derrota dos criminosos fugidos, dormindo de dia e viajando de noite, como cativos amocambados, de quilombo a quilombo. Para além do Bacupari, do Boqueirão da Broa, da vaca e da Vacaria, do Peixe-Bravo, dos Tachos, do Tamanduá, da Serra Fria, e de todos os muitos arraiais jazentes na reta das léguas, ao pé dos verdes morros e dos morros de cristais brilhantes, entre as varjarias e os cordões-de-mato. E deixavam de lado moendas e fazendas, e as estradas com cancelas, e roçarias e sítios de monjolos, e os currais do Fonseca, e a pedra quadrada dos irmãos Trancoso; e mesmo as grandes casas velhas, sem gente mais morando, vazias como os seus currais. E dormiam nas brenhas, ou sob as árvores de sombra das caatingas, ou em rancho de que todos são donos, à beira das lagoas com patos e das lagoas cobertas de mato.

Cumpramos observar que o caminho de ida para o interior equivale a posterior saída do sertão, rumo ao arraial do Murici de onde Nhô Augusto viera, mostrando o inverso, notadamente, a entrada no espaço cada vez mais povoado (ROSA, 1967, p. 337) :

Mas, somadas as léguas e deduzidos os desvios, vinham eles sempre para o sul, na direção das maitacas viajoras. Agora, amiudava-se o aparecimento de pessoas – mais ranchos, mais casas, povoados, fazendas; depois, arraiais, brotando do chão. E então, de repente, estiveram a muito pouca distância do arraial do Murici.

Observamos no conto em questão, a relativização da imensidão e a descomunal distância do sertão: “[...] Mas, como tudo é mesmo muito pequeno, e o sertão ainda é menor, houve que passou por lá um conhecido velho de Nhô Augusto [...]” (ROSA, 1967, p. 339). Esse conhecido chega, como vimos, em “[...] consequência de um estouro de boiada na vastidão do planalto, por motivo de uma picada de vespa na orelha de um marruá bravio (ROSA, 1967, p. 341).

Assim é o sertão. Longe e próximo ao mesmo tempo.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra de João Guimarães Rosa vai além dos limites do regionalismo convencional. A partir do aprofundamento no regional, Rosa investiga questões psicológicas, sociais ou filosóficas universais. Com anos de pesquisa sobre a linguagem popular do sertão e seu conhecimento lingüístico de dezenas de idiomas, mistura, como nenhum outro o popular e o erudito para criar uma linguagem insólita e inconfundível. Neologismos, adjetivos formados por uma sufixação inusitada, se acumulam enquanto Rosa vai rompendo os limites entre a poesia e a prosa, entre o lírico e o épico entre a lenda e a realidade.

## REFERÊNCIAS

- ROSA, J. G. **Sagarana**. 3 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967
- GUIMARÃES, V. **Joãozito: infância de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, INL, 1972
- LEONEL, M. C. **Guimarães Rosa: Magma e Gênese da obra**. 1 ed., São Paulo, Editora Unesp, 2000.
- GALVÃO, W. N. **Guimarães Rosa**. 1 ed., São Paulo, Publifolha, 2000.
- GALVÃO, W. N. **Matraga: sua marca**. In: Mitológica rosiana. 1 ed., São Paulo, Ática, 1978, p 41-74.
- MARQUES, O. **A Revolução Guimarães Rosa**. 1 ed. Rio de Janeiro: MEC, INL, 1957
- CANDIDO, A. **O Homem dos avessos**. In Guimarães Rosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 299.
- ROSA, V. G. **Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983
- HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- FERREIRA, A. B. H., **Minidicionário da língua portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Literatura Brasileira**. 1 ed. São Paulo: Atual Editora, 1995, p. 418-426

BARBIERI, I.; Kampell, M. M.; SALES, H. (Org.). **Antologia Escolar de Ouro – Contos Brasileiros**. 1 ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983

SACCONI, L.A. **Nossa Gramática: teoria e prática**. 1 ed. São Paulo: Atual Editora, 1999

Fotos tiradas em 16.08.2008. Formato jpg. Fonte: Museu da Língua Portuguesa.

## ANEXOS

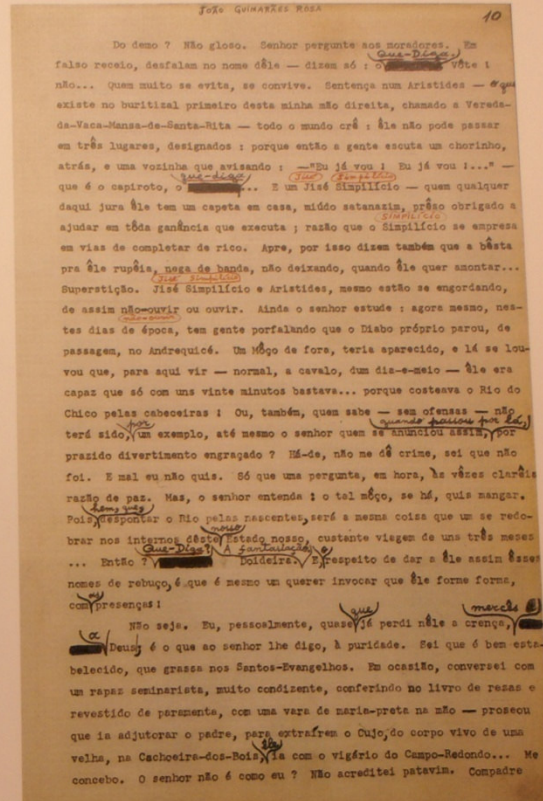
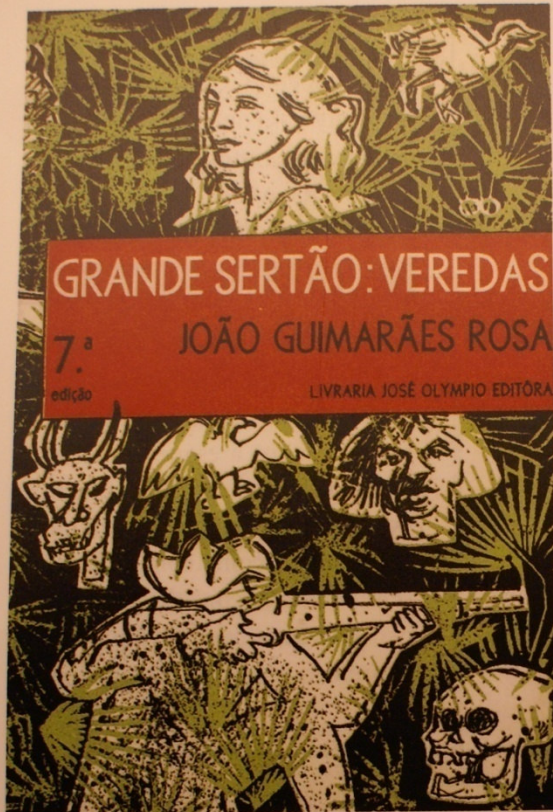


NÃO SE SABE EXATAMENTE COMO SURTIRAM AS DIVERSAS LÍNGUAS QUE EXISTEM NO MUNDO. POR MUITO TEMPO, ACREDITOU-SE QUE ELAS TIVERAM ORIGEM EM UMA ÚNICA LÍNGUA. PORÉM, COM O AVANÇO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, VIU-SE QUE AS DIFERENÇAS ENTRE ELAS ERAM TÃO GRANDES E PROFUNDAS QUE SERIA MUITO DIFÍCIL PROVAR QUE TODAS DESCENDIAM DE UMA SÓ LÍNGUA.

O QUE SE SABE HOJE É QUE AS LÍNGUAS ESTÃO AGRUPADAS EM FAMÍLIAS, DE ACORDO COM SEMELHANÇAS QUE GUARDAM ENTRE SI.

A LÍNGUA PORTUGUESA DESCENDE DA FAMÍLIA INDO-EUROPÉIA, ORIGINÁRIA DE UM TERRITÓRIO QUE SE ESTENDIA DA ÁSIA À EUROPA. NO BRASIL, SOFREU INFLUÊNCIA DE LÍNGUAS AMERÍNDIAS DA FAMÍLIA TUPI E DE LÍNGUAS AFRICANAS DA FAMÍLIA NÍGER-CONGO.





Capa e original de *Grande sertão: veredas*, obra publicada em 1956. Nela, Guimarães Rosa explorou todas as potencialidades da língua. Revitalizou palavras em desuso, promoveu ruralismos e manipulou regras gramaticais para criar palavras e expressões (neologismos)

Rosa, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 7ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. Capa de Pety Lazzarotto. em: *Monumentos do livro*. São Paulo, Ática, 1997

## Literatura: a herança modernista renovada

A literatura da segunda metade do século XX preservou muitos aspectos da linguagem elaborada na década de 20 pelos modernistas: a valorização da fala oral e dos regionalismos lingüísticos, o gosto pela cultura popular e a busca por uma escritura compreensível a todos. Sem perder de vista esses parâmetros, as novas vanguardas literárias dos anos 50 e 60 fizeram experimentalismos radicais e trouxeram à luz rupturas importantes, como a poesia do movimento concretista e as criações lexicais de Guimarães Rosa. ▼ *Veja tabela de neologismos desse escritor na bancada abaixo*



### Alguns neologismos criados por Guimarães Rosa

| NEOLOGISMO            | SIGNIFICADO                                                                                                                     |
|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Almamente</b>      | Com a alma                                                                                                                      |
| <b>Amormeuzinho</b>   | Meu amorzinho                                                                                                                   |
| <b>Bonitinhamente</b> | De forma bonita                                                                                                                 |
| <b>Comigar</b>        | Relacionar-se comigo, simpatizar comigo                                                                                         |
| <b>Depressamente</b>  | Depressa                                                                                                                        |
| <b>Desamigo</b>       | Inimigo                                                                                                                         |
| <b>Desassunto</b>     | Falta de assunto                                                                                                                |
| <b>Desexistir</b>     | Morrer                                                                                                                          |
| <b>Deslembra</b>      | Esquecimento                                                                                                                    |
| <b>Distansiânia</b>   | Distância + ânsia:<br>ansiedade provocada pela distância                                                                        |
| <b>Enxadachim</b>     | Aquele que é capaz de manejar uma enxada:<br>assim como espadachim significa aquele que<br>tem capacidade de manejar uma espada |
| <b>Fraternura</b>     | Fraterno + ternura: ternura entre irmãos                                                                                        |
| <b>Minhamente</b>     | Em minha opinião, por minha parte                                                                                               |
| <b>Obnãotida</b>      | Não obtida                                                                                                                      |

Vários processos de formação dos neologismos de Guimarães Rosa são encontrados na fala de crianças que estão aprendendo o português como língua materna



**1946 ► *Sagarana,***  
**Guimarães Rosa**

**1956 ▶ *Grande sertão: veredas,***  
Guimarães Rosa

**1956 ▶ *Corpo de baile,***  
Guimarães Rosa

**1962 ► *Primeiras estórias,***  
**Guimarães Rosa**